

## FESTA DO DESPOTISMO

### (SUPPLICIO DE TIRADENTES)

Referindo-se ás primeiras horrorosas persiguições movidas contra os christãos, escreveu Ernesto Renan que «uma das particularidade mais hediondas dos costumes romanos eram converterem o supplicio em festa e o morticínio em divertimento publico».

Era esta uma das fórmulas abominaveis da ferocidade pagã em face do christianismo nascente, destinado a derrocar, com o fervor de seus crentes e prestigio incomparavel de suas doutrinas divinas, a organização polytheista que os Romanos receberam da Grecia e que, impetuosos, defendião com zelo fanático, por bem harmonizar-se ella com as suas tradições e indole sanguinarias, com os principios de sua politica violenta e rapace, e com as licenciosidades espantosas de seus costumes.

Seculos tinham já decorrido após tão barbaros successos, caracteristicos da omnipotencia da força, que era a mesma essencia do governo romano, e ainda em nações ostensivamente christãs prevalecião odiosos usos da velha e desoladora politica que fazia celebrar festejos officiaes em applauso á morte e ao martyrio de suas victimas.

A esta regra, que a licção historica nos assinala, não fez excepção durante o regimen absoluto do governo portuguez, encarnado na pessoa do *rei fidelissimo*. Como o do vizinho iberico, personificado em *sua magestade catholica*, deu elle, na dominação da colonia americana, negros exemplos, que valem como outras tantas provas de que o despotismo, velado embora hypocritamente sobre formulas christãs, actuava ainda por esse tempo como influxo malefico do principio pagão, deprimemente e cruel.



O supplicio de Tiradentes, entre muitos salientes factos, é, em nossa historia, documento imperecível de que—após dezoito secutos de christianismo—caracterisava-se ainda o systema governativo portuguez pelo hediondo costume de transformar em motivo de festa official o martirio daquelles que as leis draconianas da época sacrificavão no patibulo, por haverem aspirado a liberdade da patria.

Para assistir á horrenda execução, precedida de prestito apparatuso, trajou a trapa o uniforme maior, ornado de festões de flores. Os cavallos em que montavam os ajudantes, officiaes, ouvidores e mais autoridades tinham as ferraduras de prata e as crinas enlaçadas de fitas e as caudas arrematadas por laços cõr de rosa. Erão os arreios e os estribos igualmente de prata, sendo alguns dourados, e de velludo ou de seda escarlate e franjada de ouro as gualdrapas e mantas. (\*)

Consummado o atrocissimo supplicio, isto é, enforcado, degollado e esquartejado o grande martyr e grande patriota, apressou-se o senado da Camara do Rio de Janeiro, impulsionado pelo servilismo, oriundo do terror que inspirava-lhe, como ao povo, o sobrio vice-rei Conde de Rezende a ordenar por edital que todos os habitantes da cidade illuminassem a frente de suas casas durante tres dias. N'esse curioso edital, depois de vituperar-se Tiradentes e suas *maximas sediciosas*, dizia-se sem rebuço: «... e para mais publica satisfação dos nossos desejos, esperamos que todos os moradores da cidade deitem luminarias por tres dias, pois que não esperamos ser necessario punição e pena contra os que o contrario praticarem, por ser este objecto o mais nobre dos nossos desejos de congratularmos pela prosperidade do governo de S. M., e felicidade que temos de termos uma soberana que jamais igual a tem visto o mundo na excellencia e virtudes que ornão o seu throno, e que acaba de mostrar a seus vassallos o excesso de sua clemencia e piedadade...»

Não ficou sómente nisso a sincera expansão da *alegria geral*. Forão ordenadas preces publicas em acção de graças, effectuadas na igreja Carmelitana que para esse fim ornarão de galas vistosas e deslumbrantes. Ahi celebrou-se solemne *Te Deum laudamus*, quando ainda tepidos devião estar os restos profanados de Tiradentes, e orou do pulpito um frade carmelita, cujo sermão foi traçado fiel e humildemente de conformidade com as bases que, para texto, forão-lhe transmittidas.... pelo mesmo chanceller juiz da alçada que sentenciara cruelmente ordenando o horripilante supplicio! O texto dizia assim: «Dar graças pelo favor de se haver descoberto a conspiração tramada em Minas-Geraes a tempo de ser dissipada antes ser posta em execução, e de sese guirem as pessimas consequencias que devião experimentar os vassallos de S. M. R.:—dar graças por ficar esta

(\*) — Vide J. Norberto — *Historia da Conjuração Mineira*.

cidade isenta do contagio da dita nefanda conjuração:—persuadir os povos a serem fieis á sua soberana tão pia e clemente,—e rogar a Deus pela conservação de sua vida».

Estas «scenas edificantes» passarão-se no Rio de Janeiro de 21 a 24 de abril de 1792.

Um mez depois, na séde da Capitania Mineira, sob o terror personificado no Visconde de Barbacena, que arremedava adrede o taciturno Conde de Rezende, a mesma «espontaneidade popular» solemnisava em festas o martyrio de Joaquim José da Silva Xavier, cuja cabeça já então se achava presa em alto poste, erecto na praça principal de Villa Rica.

Durante tres noites successivas, vião-se luminarias em todas as casas, cobertas de ricos damascos e de finas sedas... Até o santuario foi ornado sumptuosamente, e nelle entoarão-se canticos e louvores ao Omnipotente... E como não ser assim? Todos conheclão bem o meio social e a época terrivel em que vivião, asphyxiados e submissos; de ninguem erão já ignorados os recentes e horrendos successos do Rio de Janeiro e nem desconhecido o ominoso edital do Senado da Camara dessa cidade, allusivo ás «penas e punição» contra aquelles que não festejassem supplicio de Tiradentes... Uma atmospha de terror envolvia e proster-nava o pobre povo!

Em carta ao ministro Martinho de Mello e Castro, a Camara de Villa Rica, presa de temores, e por estes emulando em servilismo com a do Rio de Janeiro, deu conta dessas festas ostentando maximo regosijo, signo de fidelidade da população submissa ante as brutezas nefandas da tyrannia.

Damos aqui esse documento, extractado, com a propria orthographia, do—*Livro de registo de ordens regias e provisões*, fls. 380 e seguintes, livro do antigo archivo municipal de Villa Rica e hoje existente no Archivo Publico Mineiro:

CARTA DA CAMARA PARA O ILLUSTRISSIMO E EXM.<sup>o</sup> SR. MARTINHO DE MELLO E CASTRO, DO CONSELHO DE S. Magestade, MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR.

«III.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup>—A sobrevação, que nestas Minas se traçava contra a soberania da Rainha Nossa Senhora ao mesmo tempo consternou e trouxe a desolação a este Povo, nunca familiarisado a semelhante nome e crime, e servio para mostrar a constancia e fidelidade do mesmo Povo. Porque esmoreceu com o rumor que do Levante se derramara, só respirou depois que julgados os Agressores da maldade, teve certeza da segurança do Estado. Logo que a esta Villa chegou com os restos do perfido Joaquim José Xavier a noticia da sentença proferida contra os Reos, nos dispuzemos a celebrar com gosto e alegria o bom exito desta



causa, que interessa aos bons vassallos. Aos nossos votos se unirão os do povo, não só deste termo, mas também da Capitania, o que nos persuade que o erro fatal de poucos não passou a contaminar o maior numero e que para o futuro não ocorrerá jamais no Paiz a mesma ideia de tão infame empreza. Demos graças a Deos na igreja matriz de N. Senhora do Pilar de Ouro Preto fazendo cantar Hymno—Te Deum Laudamos—assim pela felicidade do Estado como pela vida e saúde de S. Magestade tão suspirada pelos fieis portuguezes.

Ao Visconde de Barbacena, nosso Governador, agradecemos em corpo de Camara os distinctos serviços que fez a S. Magestade nesta Acção. Segurando os culpados soube conservar a paz, a harmonia e a justa confidencia entre os que o não erão, dando-se a tudo de que dependia tão importante diligencia com tanto zelo do bem Regio e prudencia propria, que mais parecia obrar inspirado do que por consequencia de luzes humanas.

Ouvirão luminarias tres noites.

E na camara recitou o primeiro vereador Bacharel Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos revestido de todo o amor Patrio e das obrigações de vassallo uma interessante Fala a que assistirão o General, o Bispo, Nobreza e Povo da Villa e na qual se tratarão materias e verdades que vinhão para o caso e para as circumstancias do tempo. A' imitação desta capital derão publicos testemunhos de alegria as camaras de S. João e de S. José, as de Sabará e de Caethé e hé tanta a satisfação que o feliz successo trouxe aos moradores de Minas, tanto o socego em que estão, dado cada um ás suas differentes occupações, que delles podemos affirmar a devida fidelidade, e quanto ao Estado e Real Fazenda pela administração do Excelentissimo Visconde Governador se tem aumentado muito as utilidades.

Temos a honra de fazer esta parte a Vossa Excelencia para que se digne de a por na Real Presença de Sua Magestade e conste o zelo e exactidão com que nos empregamos no Serviço da Mesma Seuhora; e finalmente a geral satisfação que acompanha este Povo com a vingança da injuria do Estado que, como deve, reputa propria.

Deos guarde a Vossa Excelencia. Villa Rica Em Camara de Dous de Julho de mil settecentos noventa e dous.—Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Martinho de Mello e Castro.

Manoel Pereira Alvim.—Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos.—João Pinto Bastos.—Francisco José Teixeira de Vasconcellos.—Antonio Rodrigues Braga.

Seria lacuna sensível nesta singela e breve resenha de tão estranhas occurrencias a omissão da interessante Fala do primeiro vereaa-

dor bacharel Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, revestido de todo o amor patrio e das obrigações de vassallo, fala a que assistirão o general, o bispo, nobreza e povo da villa e na qual se tratarão materias e verdades que vinhão para o caso e para as circumstancias do tempo... no dizer expressivo da mesma Camara na carta transcripta.

Desse documento, que offertámos no proprio original ao Archivo Publico Mineiro, conta ter sido o discurso recitado a 22 de maio de 1792; e nelle se leem phrases que seriam espantosas si não reflectissem aquellas «circumstancias do tempo», a que ingenua ou—quem sabe?—maliciosamente alludirão os vereadores de Villa Rica, dirigindo-se ao ministro Martinho de Mello.

«A tolerancia, exclama o orador, é vicio entre nós abominado...» Referindo-se a Tiracintas, vocifera: «Deixemos esse desgraçado servir ao exemplo da futura idade, que delle se não lembrará sem formar a ideia de sua ingratição, do seu opprobrio e supplicio...»

E apreciando a sentença em confronto com a Inconfidencia dos victimados, também não hesita em affirmar que sendo ella «um castigo em si terrível ainda é pequeno para expiar tão atroz delicto!»

Fôra inutil proseguir em semelhantes extractos: ahi vai na integra e conforme o original a oração famosa, sombria como as oppressões e torpezas publicas do tempo. E' documento até agora inedito.

#### FALLA QUE NA CAMARA DE VILLA RICA RECITOU UM DOS VEREADORES DELLA, NO DIA 22 DE MAIO DE 1792

A fidelidade e a obediencia constituem o primeiro dever dos vassallos para com os seus soberanos.

Nascidos para vivermos em sociedade, o Creador, oh! povos, nos subordinou aos poderes superiores. Desde a primeira infancia do mundo houverão Chefes, Juizes e Legisladores; taes forão os Pais de familias.

A experiencia brevemente persuadiu que o poder domestico não era bastante a prover as necessidades e a conseguir a precisa segurança dos homens: Eis aqui os fundamentos da Monarchia, do governo de um só, de que o paterno foi o modelo, o mais antigo, o mais proprio e o mais accommodado á natureza.

A' privação de uma liberdade indefinida succederão os commodos da segurança. Difficilmente se alcançaria este fim, tirada a obrigação de obedecer.

Todos os povos reconhecerão a necessidade da sujeição e da fidelidade. Os antigos Portuguezes a jurarão nas côrtes celebradas em Lamê-



go—Que viva o Sr. Rei Dom Affonso e reine sobre nós! Os seus Filhos serão os nossos Reis; o Filho succederá ao Pai, depois o Netto, e assim em perpetuo todos os seus descendentes. Si o Rei de Portugal não tiver Filhos, a Filha será Rainha, depois da morte do Rei: Estas são as leis fundamentaes e as da successão.

Certo estou que muitas vezes, as ouvimos celebrar a nossos Pais, e que desde os primeiros annos as trazemos impressas em nossos peitos.

A fidelidade é a origem, d'onde emana a prosperidade dos Estados.

Uma só Nação faz a fortuna de uma parte do mundo, da Europa culta.

Homens, aos quaes o amor da Patria, do seu Rei e da Gloria inspirava, com pequenos soccorros, por mares nunca d'antes navegados descobrem a segura estrada, que os conduz dos ultimos fins do Occidente até ás regiões do Oriente.

Nos bellos dias dos Senhores Dom João II e Dom Manoel, a Africa, a Asia, todos os Imperios, desde Ormuz até o interior da China os respeitavão: a sua doçura e humanidade os fez amar e os prosperos successos das suas victorias os fez temer.

Apenas soou na Europa o descobrimento de Colombo ou de Americo Vespucio, afôitos se dão logo a conhecer na Bahia de Todos os Santos e successivamente em todo o Brazil. Estes são os Portuguezes, estes são, oh! Brasileiros, os vossos gloriosos progenitores!

Que gloria a vossa, Filhos de um povo de heroes, cujos feitos merecerão a admiração do Universo! Qual deve ser o vosso amor para com os Augustos Monarchas Lusitanos, que os enviarão aos remotos climas do mundo, tantos seculos desconhecidos! Estas Cidades e estas Villas, estes logares; os vossos Templos, os Palacios, as casas, em que morais, são as obras das mãos d'aquelles homens raros.

Esta vasta Capitania, hoje povoada de gente civilizada, de modelos de perfeita architectura e das bellezas da Arte, era inculta ha cem annos antes, coberta de asperos e densos mattos, residencia de feras; e se alguns homens a habitavão, não tinham Religião, ignoravão a civilidade, as sciencias, as artes, a agricultura; não conhecião leis, costumes, nem commercio—tão barbaros, enfim, como ainda hoje são os indios, seus descendentes, que vêdes muitas vezes entre nós.

Tambem o estado de abatimento, em que jaz sepultada esta parte da especie humana, vos enche de commiserção.

Que mudança a invicta, generosa mão dos Postuguezes, que differente forma deu a estas Provincias, a estes Paizes! Sobre as ruinas da cega idolatria está arvorado o estandarte da verdadeira Religião: Santa Religião, provada com os milagres innumeraveis do seu Divino Fundador, com as Reliquias dos Justos, confessada nos martyrios, plantada no meio do paganismo, perseguida, mas sempre triumphante, pelo decurso

de mil e quasi oito centos annos e que o hade ser até o fim dos seculos! Religião que reserva para os seus Sectarios prazeres de eterna duração!

O homem obedece á razão e tem a gloria de levar a fama e o respeito dos seus talentos e virtudes desde o seu Paiz até os Imperios mais distantes. Admirão-se os progressos da industria e do saber, a grosseiros indistinctos substituem civis costumes, leis sabias, instituições politicas. Ja respira geralmente o aceio, a propriedade, o ornato e a magnificencia. As preciosas manufacturas do Oriente, as das Nações estranhas, são convertidas em nossos usos. Tudo possuímos, o que é necessario não só para passar bem, mas viver bemaventuradamente.

Estes beneficios são de infinito preço e do mesmo genero, crede-me, Brasileiros, dissimulo outros, que a brevidade me não consente enumerar. Alem de que me não persuado que a mão dos tempos tenha podido tão cedo riscar da vossa memoria os favores, que dos Senhores Reis de Portugal estas Regiões souberão merecer. Isto seria injuriar-vos, seria accusar-vos de ingratos e a tanto me não atrevo.

Fui testemunha e o forão todos aquelles que me ouvem da magoa publica e da viva dôr, que o nome de sublevação infundiu em vossos corações; nome infame que feriu e offendeu a primeira vez vossos ouvidos; crime horrendo, cujo effeito mostrão no centro daquella praça (\*) os restos de um perfido! Mas deixemos esse desgraçado servir ao exemplo da futura idade, que delle se não lembrará sem formar a idéa da sua ingratição, de seu opprobrio e supplicio.

(\*) — ... no centro d'aquella praça ... Estas palavras confirmão plenamente a tradição mais corrente, quanto ao local em que esteve erguida em *posto infamante* a cabeça do glorioso martyr, conforme a sentença da alçada. A camara municipal de Villa Rica funcionava, em 1792, como desde muito a camara municipal de Ouro Preto funciona, na Praça hoje denominada de Independencia. Dissemos acima—a tradição mais corrente—porque algumas vezes discordes, nos ultimos decennios, dizião que o tal poste ignominioso (a ignomínia era para a Metropole, com suas leis, seu regimen e a sua justiça abominaveis) fôra erguido, não no centro mas n'um dos logares em que aquella Praça faz canto com a rua ora denominada Bobadella.

Fica, pois, definitivamente demonstrado que a cabeça veneravel de TIRADENTES esteve impla e indignamente exposta, por ordem do régio despotismo portuguez, no mesmo local onde presentemente se acha o monumento erecto em homenagem á sua inolvidavel memoria, em virtude da lei mineira decretada pelo Congresso do Estado na sessão de 1891 por iniciativa de quem escreve estas linhas, que já em 1879 (dez annos antes da proclamação da Republica) iniciara projecto de lei identica, adoptado então pela Assembléa Provincial, mas que ficou sem realisação.—(Nota da redacção da *Revista*).



Deixemos outros longe de sua Pátria, soffrendo os males que produzem as saudades das esposas, a lembrança dos caros filhos, dos parentes, dos que foram seus amigos, dos seus patricios! Infelizes! Quantas vezes, recordando estas memorias, ensoparão com suas lagrimas as ardentes areias da inhabitavel Africa! A Pátria perdida, as esposas, o melhor bem, que a natureza nos concedeu, e que mais se conhece quando se não possui: á maneira do enfermo, que deseja recuperar a saude, de que não fazia apreço. Os filhos, estes penhores ternos do amor conjugal; os amigos, os contemporaneos, e o que mais é — a esperança de os tornar a vêr! Ah! Brasileiros, aqui esmoreço, d'aqui não posso proseguir avante, quando me lembro que, sendo um castigo em si terrível, ainda é pequeno para expiar tão atroz delicto!

Demos graças á Piedosa Soberana, que sabe perdoar e confundir o crime com a recompensa da vida, de que gozão — e voltemos ao assumpto começado.

Si então prezenciei a vossa dôr, hoje vejo o jubilo, que respira em vossos festivos rostos. Vejo o Magistrado, o Cidadão, o Ecclesiastico, o Nobre Militar, consagrarem sensíveis expressões de reconhecimento ao Illm. e Exm. Sr. Visconde de Barbacena, o salvador da Pátria, que sem faltar aos interesses do real serviço, contemplou, quanto as circumstancias o permitirão, os officios da humanidade.

Activo, prudente, vigilante e compassivo trabalhou em suffocar a lava-reda, que podia um dia consumir todo o edificio da sociedade. O velho, encostado ao bastão, que lhe firma os passos, carregado de tristes annos; o menino, que apenas sahe dos ternos braços da carinhosa mãe; a donzella na aurora da sua idade; vestida em gala a matrona virtuosa, e a que já, por decrepita, depende de soccorro de mão alheia — todos applaudem, todos festejam a alegria publica. Ao travéz da escuridade das noites, brilhão as luminarias em todas as casas, cobertas de ricos damascos e de finas sedas; ornado está o Sanctuario, em que se entoão os canticos e os louvores do Omnipotente: que mais claras experiencias do amor e da sujeição, que nos une á Augusta Soberana! Sirvão embora a reprehender a aleivozia; sabem os Céos que, referindo-as, só procuro justificar a vossa honra e attrahir-vos á gratidão do Rei e á dos bons vassallos.

Brasileiros! vós sois doces, sois intelligentes, homens taes obrão sempre o que é justo, ainda que a lei o não declare. O que não sabe discorrer e premeditar á tudo se atreve. As grandes revoluções são acompanhadas de funestos desastres.

Que coisa tem o homem que mais ame do que a vida? Rios de sangue inundão os campos, em que a guerra civil se manifesta e sobre cadaveres marchão as tropas tumultuosas. Depois da vida, que bem mais preciosos do que a mulher, os filhos e as riquezas? As mu-

lheres violadas, os filhos despedaçados nos regaços das lacrimosas mães, roubadas as riquezas!

—Eis aqui os primeiros frutos da sedição.—

Sois virtuosos e o amor da nossa Religião nos possui, porque sabeis que um dia vos elevará acima da terra sobre as abobadas do Firmamento, aonde é o Paiz das Delicias. Que devo, pois, dizer a homens que conhecem que o bom vassallo é o bom christão e que o vassallo perfido não tem direito aos premios, que esta só verdadeira Religião pode dar? Persuadido estou que estas idéas vos assistem: presente tenho a vossa educação, de que participei e o vosso modo de pensar. A tolerancia, o libertinismo são vícios entre nós abominados e a mudança de governo produz sempre a da Religião. A Hollanda, a Suissa e os successos actuaes de uma Nação inconstante assim o attestão.

Quando não fosse a virtude, estes motivos de interesse e da Piedade constituem a necessidade de obedecer. Tambem os nossos Augustos Monarchas têm sido os modelos dos Reis perfectos, e os seus povos jamais se arrependerão de boamente os servir. A Rainha, Nossa Senhora, tendo-lhe succedido pelos direitos do sangue, succedeu tambem aos direitos de ser obedecida. Excedendo-os na clemencia, qual de nós deixará de a servir por inclinação e zêlo? Excedendo-os na liberalidade, que recompensas devem esperar os vassallos benemeritos?

Sim: este não é algum dos governos populares, em que tanto os Soberanos, quantos são os membros, que os compõem, conduzidos pela força, pelo tumulto, e pelas paixões; porque na Aristochracia cessa a moderação; e a virtude nos governos do povo degenera.

Aristides, por justo, (pois se lhe não imputava algum crime) padece os rigores do Ostracismo. Socrates, virtuoso, é reduzido á necessidade de beber a cegude. O eloquente Demosthenes, este cidadão amante do bem de Athenas, expira com o veneno. Annibal, o vencedor de Canas, a gloria de Cartago, mendiga na côrte de um Rei os socorros que a Republica lhe nega. Entremos na antiga Roma, tão zelosa de sua honra, como do seu poder. Que monumentos não encontramos de sua tyrania! Aqui está o Capitolio donde foi, por crimes suppostos, precipitado o seu salvador, o invencivel Manlio. Alli se divizão os logares, em que os Grachos foram mortos. Perguntemos pelo orador romano, pelo grande Catão, por Cassio e Bruto, os ultimos romanos, todos (se nos responderá) forão victimas sacrificadas ao odio, á vingança e ambição dos seus contemporaneos, mais determinados a darem-se á morte do que a esperar-a de mãos alheias.

E por não offender o meu seculo, deixo de referir os exemplos, que elle me sub-ministra—de iguaes governos.

A Polonia, a Italia, povoada de Republicas, vos offerecem em seus Fastos o que eu dizer não devo. Membros de uma Monarchia (com que



gosto o digol) mais do que de uma Rainha, gozamos de uma adorada Mãe, que só nos offerece a imagem da benevolencia, com que affaga, a das suas virtudes e a lembrança de seus beneficios; mais piedosa do que severa: sabia, justa, magnanima, generosa.... Deus immortal conservai-a para o nosso bem.

Nossos avós, tão firmes nos seus discursos, como nos seus projectos e resoluções, reconhecerão as vantagens do governo, a que a Providencia nos subordinou.

No campo de Ourique, a custa do sangue, com o que o tingirão, sustentarão, o titulo do nosso primeiro Rei. Firmarão o Senhor Dom João 1.º no Throno dos seus progenitores.

Ainda hoje ouvimos lamentar o dia da Africa e nem a investidura feliz do Senhor Dom João IV da Familia dos antigos Reis, obra dos nossos generosos accendentes, tem podido apagar a memoria de tão funesta perda.

Imitando os exemplos dos seus maiores, foram os Brasileiros os que resgatarão o Rio de Janeiro conquistado, os que, vencendo um povo forte e atrevido em defeza da Bahia e Pernambuco, ganharão perpetua vida.

E vós, briosos Militares, acabais ha pouco de dar mostras que ainda não degenerou em vossos espiritos e antigo brio e a constancia de servir ao Principe. Certos que o bem commum precede o particular, ainda que este seja sustentado na amizade ou no parentesco, vós obrastes em consequencia. O pai, o amigo lançaria os ferros ao filho e ao amigo criminoso. Oh! Santa Fidelidade! Oh! Amor da Patria! Tanto é certo que as virtudes de um povo se communicão á sua posteridade!

Verdade é que as vossas virtudes, Brasileiros, acompanhadas de rarissimos talentos, com que a natureza vos enriqueceu: essa inclinação que vos leva apoz as bellas letras e as sciencias, vos tem adquirido as distincções, que se costumão dar ao merecimento. As mitras, as togas, os botões, estes honrosos premios são conferidos aos Brasileiros da mesma sorte que aos naturaes do Reino. Lisboa, Coimbra, Rio de Janeiro, Portugal, o Brazil, os Senhorios da Africa e Asia o atttestão.

Nenhuma differença entre uns e outros; todos têm o mesmo Rei, a mesma Patria commum: todos são vassallos.

E si devo dizer tudo o que agora me occorre; vós, tendo a honra de sereis admittidos aos beneficios ecclesiasticos de Portugal igualmente com os naturaes, tendes a vantagem de sereis preferidos ao do Brazil com a exclusão d'aquelles. Os logares de letras, os postos militares são occupados pelos vossos compatriotas—Não é preciso sahir d'aqui para vos apontar exemplos.

Parece-me que não devo levar mais longe o meu discurso, ennumerando todas as consequencias da rebeldia e os motivos que fação em nós permanecer o espirito da fidelidade, e da obediencia.

Possa a piedade da Rainha, nossa senhora, merecer que o futuro procedimento dos seus vassallos lave a negra macula da aleivozia e tenha embainhada a cortadora espada da justiça; esta piedade praticada com os aggressores de um crime, que eu não acreditaria, si elles o não confessassem.

Illm. e. Exm. Sr.—O conceito que sempre fiz de um povo e de um povo Portuguez, fundava a minha duvida; porque nunca deixei de reconhecer a probidade, a inteireza e a circumspecção de V. Exc.. Tambem estas virtudes que felizmente illustrão a V. Exc. e depois o zelo e as luzes de Ministro habil, que trabalhava dia e noite nesta causa, forão os unicos, mas solidos fundamentos com que eu argumentei não poucas vezes contra a minha incredulidade.

Amados Portuguezes, (assim vos devo chamar) dirijão-se os nossos votos a pedir ao Céu a vida e a felicidade desta Rainha, que faz a nossa; a do Principe, nosso Senhor, no qual já respeitamos as preciosas virtudes de sua Augusta Mãe, e a conservação do nosso Exm. Governador por utilidade do Estado e nossa.

Renove-se hoje o antigo juramento de nossos maiores, promettido ao Fundador da Monarchia e aos Soberanos descendentes.

Mas para que? Exms. Srs. Magistrados, Senadores, Nobres, e todos os que me dais a distincta honra de attender-me, sejamos testemunhas do jubilo e do prazer que se distingue no semblante do povo, que se presta a repetir o seu juramento. Basta, Portuguezes, o de nossos ascendentes a ligar-nos. Os Vassallos honrados (bem que não fossem prezos por este sagrado vinculo da Religião) amarião e obedecerião aos seus Principes. Quanto a mim, cidadão no vosso Paiz, vosso amigo, admirador das vossas excellentes qualidades, espero que os vindouros, contemplando os vossos merecimentos, reconheção a candura e a sinceridade, com que hoje fallo. Vejam elles e de vós aprenda o mundo inteiro o amor da Patria e o que se deve aos Pais da Patria.

Não era somente o terror geral insuflado pelo despotismo dominante que inspirava, a 22 de Maio de 1792, ao orador da Camara de Villa Rica os conceitos e exclamações, com que elle buscava realçar a festa deshumana encomiastica de execranda tyrannia. A'quelle terror que a todos dominava, prosternando-os diante do governo implacavel, accresção motivos que lhe erão pessoas e concitavão-lhe quantas lóas e homenagens pudesse dedicar genuflexo ao despotismo cruento, ainda uma vez triumphante, em protesto de sua extrema fidelidade e illimitada reverencia de vassallo obedientissimo.



Tres annos antes, logo após a abertura da devassa de Minas-Geraes, não escapou o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos ás suspeitas de cumplicidade na Inconfidencia Mineira. Parece mesmo que, confiante no bom exito da gloriosa conspiração, chegára a detrahir do governo da Capitania, ousadia immensa, crime imperdoavel que importava averiguar-se para ser severamente punido; e, mais, dizia-se que não fôra elle estranho ao apparecimento, á noite, em Villa Rica, de um vulto rebugado, que andára avisando mysteriosamente aos conspiradores acerca da prisão contra elles já resolvida e aconselhando-lhes a fuga e a queima de quaesquer papeis que os pudessem comprometter—episodio este que não foi ainda elucidado e que preocupou e irritou muitissimo ao governador Visconde de Barbacena.

Por esses factos suspeitado—foi preso e recolhido á cadeia de Villa Rica o Dr. Diogo Ribeiro. Submettido em seguida a interrogatorios, negou obstinadamente a menor co-participação nos crimes mencionados e mesmo qualquer conhecimento das occurrencias investigadas. Foi solto, mas ficou-lhe no espirito aterrorisante impressão profunda da perigosissima situação em que estivera: d'ahi as expansões de sua oratoria, encomiastica do despotismo, a raivar improperios á memoria do «perfidio e abominavel» Tiradentes, em face mesmo á cabeça do martyr, erecta em poste de ignominia, que a justiça da Historia assignala e illumina como de gloria immorredoura.

Factos bem significativos e testemunhos insuspeitissimos attestão assaz que as festas do despotismo em 1792, commemorativas, no Rio de Janeiro e em Villa Rica, do supplicio de Joaquim José da Silva Xavier, não forão sino productos da acção deprimente do governo e seu sequito, armados e omnipotentes diante do povo inerme e consternado no luto de suas tristezas abafadas e no mallogro de suas esperanças patrioticas. Mixto de terror, por parte dos Brasileiros opprimidos, e de servilismo, por parte dos asseclas do Poder, ellas symbolisavão apenas, no aparato official que as revestia, as exequias da Liberdade sonhada; e as vozes de seus oradores, ultrajantes da verdade e do proprio decoro humano, não tinham siquer em sua cortezanice ignobil a abnegação do—*Ave, Cesar!*—tantas vezes apostrophado na arena do sacrificio pelas victimas dos senhores de Roma: batião palmas ao supplicio e saudavão os algozes para efficaizmente premunirem-se contra as suspeitas, então não raro homicidas e sempre funestas do Poder.

Intensa e mal disfarçada consternação acabrunhou o povo mineiro em Villa Rica, Marianna, S. João e S. José d'El Rey, em toda a Capitania, emfim, ao ter noticia da barbara sentença da alçada, em virtude da qual soffreu Tiradentes o atrocissimo supplicio e seguirão

para o mortifero desterro d'Africa Alvarenga Peixoto, Maciel, Gonzaga, e outros varões notaveis, os mais graduados em Minas-Geraes por fulgores de intelligencia e prestigios da estima e confiança publica. Luto e temor avassalarão os animos, gerando apprehensões de novas desgraças; e numerosas forão as familias dos perseguidos e parentes e amigos seus — que emigrarão para as Capitánias visinhas, compellidas pela ruina de seus haveres confiscados, ou pelo receio de reaccender-se implacavel a furia do despotismo triumphante. Minas-Geraes offerencia um espetaculo de melancolia e abatimento contristadores, accelerando-se então a decadencia de seus povoados, outr'ora florescentes e ricos, de seu commercio, de sua industria e de todos os ramos de trabalho a que dedicava-se população.

Em meio dessa geral desolação, e resumindo-a no remorso da propria infamia, o primeiro denunciante dos inconfidentes — Joaquim Silverio dos Reis — depois de haver repetidamente estendido a mão para receber o premio da traição, fugiu para longes terras, do Norte do Brazil, mudando de nome, receiando que o prostrasse a vingança movida por alguém entre as innumeradas pessoas que, directa ou indirectamente, desgraçara. «Apontado por toda parte, observa o escriptor citado, não como o catholico e vassallo, que não esqueceu desempenhar a honra e fidelidade de Portuguez, segundo a qualificação do accordão da alçada, mas como o denunciante de seus amigos, vio-se obrigado a retirar-se com toda a sua familia para a provincia do Maranhão acompanhado das maldições de um povo inteiro. Lá mesmo o perseguido vivos remorsos e sinistras visões. A cabeça de Tiradentes tinha sempre os olhos pregados nelle. Jamais dormiu tranquilamente. Interrompi-to-lhe o somno os ais dos martyres que gemião no exilio. Fugião-lhe as doçuras da vida, e somente a miseria com o cortejo de terriveis necessidades o visitava. Mudou de nome, como mudou de terra, mas onde poderia elle esconder-se, e como disfarçar-se qu não fosse descoberto, conhecido e apontado como um malvado que ostentára a sua traição e se ufanára da sua paga? Era Caim, que trazia impresso no rosto o estigma indelevel da reprovação eterna.»

Do segundo e não menos perverso denunciante da Conspiração Mineira, Basilio de Brito Malheiro do Lago, ha depoimento solemne attestando o odio nobre e concentrado do povo mineiro contra os malvados que perseguirão e matarão, no cadaifalso e no desterro, os gloriosos patriotas da Inconfidencia, attestation que prova á evidencia quanto havia de ignobil hypocrisia, de covarde servilismo e de mentira, falsidade e coacção invencivel nas «festas do despotismo» em applauso ao supplicio de Tiradentes, e nas palavras dos oradores sacros e profanos que se con-



gratulação por ellas e vituperação a memoria daquelle que afrontára impavido a tyrania e, heroico e abnegado, fez-se o proto-martyr da liberdade nacional.

O depoimento de maxima significação a que alludimos é o testamento do referido denunciante, tenente-coronel Basilio de Brito Malheiro do Lago, escripto a 25 de outubro de 1806 na, então, Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, ali, approved pelo tabelião Placido Antonio de Araujo, e aberto pelo provedor da comarca, Basilio Teixeira Cardoso de Sá Vedra Freire, aos 12 de agosto de 1809.

Nesse acto solemne, expressão de sentimentos e ultimas vontades d'aquelle denunciante dos Inconfidentes, leem-se, entre outros trechos referentes ao povo mineiro e ao governo da metropole, os seguintes, que bem corroborão a verdade de nossos assertos relativos á legitima origem e causa das «festas» de 1792, com que, no Rio de Janeiro e em Minas Geraes, foi commemorado o lugubre acontecimento de 21 de abril do mesmo anno, n'aquella cidade.

Eis os alludidos trechos do testamento de Basilio de Brito:

«Declaro que nunca nem por pensamento fui infiel aos meus soberanos, que ninguém melhor do que eu conhece a submissão, obediencia e lealdade que devemos ter ao Rei de quem somos ou nascemos vassallos, e ao meu filho lhe peço que nunca perca de vista a lembrança a estes sentimentos e não lhe sirva de obstaculo o *saber elle que todo povo das Minas e mesmo de todo Brazil me concebeu um impacavel odio, depois que se remeditou uma conjuração nas Minas para matarem o Visconde de Barbacena que as governava, e subtrahirem-se da obediencia de seu legitimo soberano* isto é, só por o Visconde me achar com capacidade para eu ajudar a ter mão no levante que querião fazer e eu o ajudei bem, mas fiz muito pouco a respeito do que era capaz de fazer, si fosse a mais negra conjuração.

.....

«*Pelo odio que todo o povo me tem parece-me que hei de morrer assassinado*, isto mesmo já o puz escripto na mão do Governador actual, Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello, mas providencia nenhuma lhe vejo dar».

.....

Conhecidas, como são, pelos escriptos dos chronistas, as deploraveis condições, sob diversos aspectos, da Capitania Mineira, após a execução do accordão de 18 de abril de 1792 que condemnou os «réos» da Inconfidencia, condições para as quaes muito contribuiu essa desumana e repulsiva sentença; apreciadas, em sua significação exemplificadora, os actos de Joaquim Silverio dos Reis, em seguida á pu-

nição dos patriotas mineiros — sua fuga para o Maranhão e mudança de nome, seus terrores na perspectiva de vingança, seus remorsos, miseria e desprezo em que ficou; attendida, no espirito e na letra, a confissão testamentaria do outro delator, Basilio de Brito, que alardêa como titulo de nobreza o odio profundo e geral de que se tornára objecto em Minas pelo seu procedimento na imminencia da Revolta em 1789, a ponto de considerar seus inimigos ligadaes todos os Mineiros e ter funda convicção de morrer assassinado; — podem correr mundo, á luz da publicidade, as descripções das «festas populares» em applausos ao martyrio de Tiradentes, e com ellas os sermões e discursos dos frades e bachareis que de taes abominações participarão, em proveito proprio a reverencia humilde diante do despotismo omnipotente. Valem apenas como documentos historicos, caracteristicos da época; e si mostrão quanto pode o medo em phases de tyrannia, servem tambem de estimulo aos espiritos generosos e livres para jamais postergarem os principios sagrados da Justiça, para jamais arrefecerem no culto nobilitante da Liberdade.